

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTORIA

Ana Carolina Machado

**MAGREZA COMPULSÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO PADRÃO DE  
BELEZA E A AVERSÃO AO CORPO GORDO**

Santa Maria, RS  
2022

Ana Carolina Machado

**MAGREZA COMPULSÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO PADRÃO DE BELEZA E  
A AVERSÃO AO CORPO GORDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **licenciada em História.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nikelen Witter

Santa Maria, RS

2022

Ana Carolina Machado

**MAGREZA COMPULSÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO PADRÃO DE BELEZA E  
A AVERSÃO AO CORPO GORDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **licenciada em História**.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_  
**Nikelen Witter, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**  
**(Presidente/Orientadora)**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Santa Maria, RS  
2022

## **RESUMO**

**Magreza compulsória:** A construção do padrão de beleza e a aversão ao corpo gordo.

AUTORA: Ana Carolina Machado

ORIENTADORA: Nikelen Witter

Historicamente é possível perceber que a construção do padrão estético sofre mudanças conforme a sociedade se desenvolve e de acordo com o que ela julga ser o ideal. Esses padrões são voltados principalmente para as mulheres, fazendo com que elas busquem insistentemente alcançar a beleza perfeita e assim controlando o comportamento feminino. Esses padrões, ao longo de tempo, e mormente na sociedade ocidental, contribuíram para a estigmatização do corpo gordo. Assim, em especial no tocante às mulheres, criou-se uma espécie de obrigatoriedade à magreza, estimulando a aversão à gordura corporal e criando estereótipos que contribuem para a discriminação social de pessoas gordas e as colocam à parte em vários tipos de interações sociais. O culto ao corpo e à aparência se tornam presenças significativas na vida das mulheres, incentivando, dessa forma, consumo, apoiado principalmente pelas mídias que se utilizam de campanhas publicitárias de incentivo e incremento dos padrões de beleza e aceitação. Além de veicularem um discurso cheio de simbolismos que contribuem para a consolidação dos modelos de beleza que moldam a sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Corpo, beleza, gorda, cultura

## **ABSTRACT**

**Compulsory thinness:** The construction of the standard of beauty and the aversion to the fat body.

AUTHOR: Ana Carolina Machado

ADVISOR: Nikelen Witter

Historically, it is possible to perceive that the construction of the aesthetic standard undergoes changes as society develops and according to what it deems to be the ideal. These standards are mainly aimed at women, making them insistently seek to achieve perfect beauty and thus controlling female behavior. These patterns, over time, and especially in Western society, have contributed to the stigmatization of the fat body. Thus, especially with regard to women, a kind of obligatory thinness was created, stimulating an aversion to body fat and creating stereotypes that contribute to the social discrimination of fat people and set them apart in various types of social interactions. The cult of the body and appearance become significant presences in women's lives, thus encouraging consumption, supported mainly by the media that use advertising campaigns to encourage and increase standards of beauty and acceptance. In addition to conveying a speech full of symbolism that contributes to the consolidation of models of beauty that shape contemporary society.

**Keywords: Body, beauty, fat, culture**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O corpo e seus olhares .....	10
3. A história da beleza e do corpo.....	13
4. A compulsão pela magreza.....	19
5. Considerações finais.....	26
6. REFERÊNCIAS.....	29

## 1. INTRODUÇÃO

O culto ao corpo nas sociedades contemporâneas tomou um lugar central na vida das pessoas. O corpo antes de tudo é a representação própria da pessoa, ocupa os espaços mais íntimos da pessoa e, ao mesmo tempo, é essencial para a apresentação pública do indivíduo. Além disso, carrega a trajetória de vida de cada um, é a própria realidade da pessoa como mostra Antoine Prost:

O corpo se tornou o lugar da identidade pessoal. Sentir Vergonha do próprio corpo seria sentir vergonha de si mesmo [...] mais do que as identidades sociais, mais caras ou personagens adotadas, mais até do que as ideias e convicções, frágeis e manipuladas, o corpo é a própria realidade da pessoa. Portanto, já não existe mais vida privada que não suponha o corpo (PROST, 1987, p. 105).

O conceito de beleza e de corpo ideal e/ou perfeito sofreu alterações ao longo do tempo, o que equivale dizer que os padrões de beleza se modificam de acordo com os valores socioculturais dos grupos humanos. O fato é que o culto ao corpo e à beleza sempre estiveram ligados, igualmente, às estruturas de poder, sendo determinado pelas classes sociais que mantêm (e se beneficiam) essa estrutura e ditando o que é belo e adequado. Nos tempos atuais é possível perceber que a devoção ao corpo é fundamental à uma vida (considerada) plena e é muito grande o número de pessoas insatisfeitas com o seu próprio corpo.

Presentemente muito se fala sobre o corpo, especialmente, sobre a sua forma. E o peso dessas questões se coloca sobretudo nas mulheres que possuem um corpo denominado gordo, uma questão de negação a existência do mesmo e sendo associado a um imaginário social de forma pejorativa, cheia de preconceitos e estigmas. A sociedade atual, ao cultuar um corpo magro, transforma o corpo gordo em um sinônimo de fracasso e doença, e a pessoa gorda passa a ser um símbolo de desleixo, descuido, preguiça, falta de disciplina e incapacidade. Cria-se então, uma certa superstição de que se você é gorda nunca será amada, não terá um emprego, nunca terá uma vida saudável e feliz. Não é raro pessoas gordas adoecerem, mas não por causa da gordura e sim por causa de estresse, ansiedade e depressão.

A maioria das mulheres está exposta a algum tipo de mídia e, dessa forma, exposta a mensagens do que deve ser considerada uma imagem corporal perfeita. Tais imagens sugerem que – em sendo mulher – deve-se se submeter a um padrão estético inatingível. Isso porque sempre que se soluciona uma insatisfação, quase instantaneamente surge outro aspecto a ser melhorado. Logo, o corpo ideal nunca é alcançado e cada dia surge um novo problema e junto a ele uma nova solução, a qual é normalmente baseada em intervenções estéticas ou a base de dietas restritivas.

A construção social do sujeito e de sua identidade é uma edificação ideológica, na qual vários fatores contribuem para a consolidação de ideias e discursos baseados nos valores sociais dominantes. Portanto, a construção de um corpo ideal acaba por se utilizar dos mesmos mecanismos, já que não é possível se falar de identidades sem falar do corpo.

O discurso usado pelas revistas – em especial as que se denominam femininas, mas também aquelas que fazem parte da grande mídia, como as semanais e as que noticiam sobre a TV e a vida das celebridades – se ancoram em uma linguagem repleta de significados, sentidos e que usam a imagem do corpo magro ligado ao sucesso e ao bem-estar. Tal linguagem gera uma grande insatisfação com o corpo por parte das leitoras (em sua maioria) que consomem essas publicações. O corpo não ideal se torna alvo de rejeição, seja pela sua forma ou por suas marcas. Ao mesmo tempo, essas mídias são céleres em prometer que a própria publicação tem a solução com uma “nova” dieta ou um “novo” exercícios. Estes, por si só, seriam o melhor caminho para se alcançar o corpo ideal. Em resumo, criam um problema e junto a este uma solução que não funciona para todas – demanda consumos diferenciados – e assim surgem sucessivas soluções para resolver o problema anterior, ou os problemas gerados a partir dele, como mostra Naumi Vasconcelos (2004) a negação e insatisfação com o próprio corpo traduz um mal-estar interiorizado.

Essa cultura da magreza, legitimada principalmente pelo discurso midiático, transforma a gordura em um vilão a ser derrotado e, por consequência, transforma a pessoa gorda em um símbolo de falência moral, com sérias consequências à sua identidade, uma vez que, não leva em consideração os aspectos individuais de cada ser, como aponta Vasconcellos (2004).



Esse discurso midiático está ligado a um verdadeiro mercado de dietas que faz com que as pessoas tenham sempre em mente um “corpo projeto”. Este é baseado muito mais em padrões hegemônicos de beleza do que em um corpo realmente saudável. A causa principal disso está no fato de que tais padrões desconsideram a maior parte dos fatores que contribuem para o formato do corpo. Desse modo, o corpo magro adquire um sentido de corpo ideal, e nunca esteve em tanta evidência, seja em capas de revistas, campanhas publicitárias, redes sociais ou em mídias de TV.

Em nenhuma outra época, o corpo magro adquiriu um sentido de corpo ideal e esteve tão em evidência como nos dias atuais; esse corpo, nu ou vestido, exposto em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda: é capa de revistas, matérias de jornais, manchetes publicitárias, e se transformou em um sonho de consumo para milhares de pessoas, nem que para isso, elas tenham que passar por intervenções cirúrgicas (plásticas), dietas de todos os tipos (do sangue, da melancia etc) ou exercícios físicos dos mais variados. (VASCONCELOS, 2004 p.67)

O discurso das mídias sobre o corpo ideal afeta a relação das pessoas, sobretudo das mulheres com a alimentação e o corpo. O estímulo das mídias vem desde infância, quando as animações infantis, não raro apresentam como vilãs, em sua maioria, mulheres gordas, conforme aponta Karen Marcelja (2018). No despertar da adolescência – quando ocorrem os primeiros questionamentos sobre corpo e a identidade pessoal, o contato com a mídia hegemônica tende a agravar a sensação de inadequação. Na vida adulta as imagens publicitárias com a mensagem de que o corpo comum é, na verdade, inadequado prossegue.

Frente a isso, nesse trabalho, tem-se por objetivo analisar a construção social acerca da cultura da magreza, identificando através dos processos históricos, fatores que contribuíram para a estigmatização do corpo gordo, analisando diferentes períodos históricos.

Como hipótese, considera-se que foi a construção do atual padrão de beleza que contribuiu para a contemporânea compulsão pela magreza. Da mesma forma, esse padrão e a busca incansável para alcançar a perfeição são produtos de discursos que, embora usem das “bandeiras” da saúde, da estética e do bem-estar, são, na verdade, formas de controlar o corpo feminino. Acredita-se que os discursos midiáticos

conseguem afetar a relação das pessoas com a alimentação e contribuem na construção do padrão de corpo ideal

O discurso midiático se ancora em uma linguagem falaciosa que promete que o novo (dieta e exercícios) é por si só o melhor caminho para alcançar tal padrão, fazendo circular uma falsa ideia relacionando este corpo padronizado com uma vida saudável. Esse discurso midiático faz com que as pessoas tenham sempre em mente um “corpo projeto” baseado mais em padrões estéticos de beleza do que em um corpo realmente saudável. Isso porque desconsidera fatores que contribuem para o formato do corpo.

## **2. O corpo e seus olhares**

Qualificado como doente, pela organização Mundial da Saúde (OMS), o corpo gordo tem atraído a atenção e mobilizando setores médicos para solucionar a chamada epidemia da obesidade. Conseqüentemente, tal fato acaba por produzir grandes manchetes nas mídias. As conseqüências disso são diversas e em vários âmbitos sejam eles sociais, econômicos ou políticos. O fato é que as questões que envolvem o corpo gordo vão muito além de questões de saúde e rótulos estereotipados. Os aspectos culturais e sociais acima citados são, no cotidiano, determinantes para os modos de vida de pessoas gordas, pois contribuem para a discriminação e estigmatização das mesmas.

As campanhas publicitárias estão sempre a prometer soluções “milagrosas” para atingir o “corpo perfeito”. Cremes corporais que eliminam celulites e estrias, que garantem tirar manchas e devolver a elasticidade da pele, que diminuem medidas e prometem o rejuvenescimento. Os anúncios trazem modelos com corpos finos, bronzeados e com músculos torneados. E, claro, editados por um bom programa de photoshop. Dietas variadas que entram e saem da moda (tipo sanguíneo, líquida, low carb, paleolítica) garantem a perda acelerada de muitos quilos por semana. Os programas das academias nos fazem crer que exercícios em excesso são o melhor caminho, e atuam como forma de punição para os deslizos da dieta e a dor é ínfima – afirmam – se comparada a glória de atingir o padrão estético ideal.

No campo médico, as cirurgias plásticas se multiplicam, vertendo de uma fonte quase inesgotável de operações. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), o Brasil ocupa o topo mundial do *ranking* em cirurgias

plásticas, sendo o implante de silicone e lipoaspiração as mais procuradas pelas mulheres brasileiras.

Todos esses fatores contribuem para a construção de um padrão de beleza e levam a crer que o corpo perfeito pode ser atingido desde que se tenha foco, determinação (e dinheiro) para alcançar tal objetivo. Uma tal conformação social gera nos indivíduos suscetíveis (e que de forma alguma são uma exceção) um descontentamento com o próprio corpo. Ao mesmo tempo, o sistema abastece a toda uma indústria que se alimenta e cresce prometendo solucionar os problemas que foram igualmente e de forma pro-ativa gerados pelo próprio sistema. Esta conjuntura não leva em consideração fatores culturais, étnicos e sociais que contribuem na formação do corpo e para o acesso a estes procedimentos estéticos.

Voltar o olhar para o corpo e seus padrões é como olhar para toda uma história e perceber que o corpo possui marcas culturais e sociais. O corpo, seus conceitos e padrões carregam as mudanças históricas e culturais de um determinado grupo, cultura ou sociedade. Tais mudanças acarretam a construção dos significados e dos padrões, muitos dos quais estão diretamente ligados à estética hegemônica de beleza. É justamente essa hegemonia dos chamados padrões de beleza conectada à aceitação social que acaba moldando os comportamentos das pessoas determinando as relações que estas terão com seus corpos e os modos de agir que assumirão para alcançar tais padrões.

Por outro lado, os padrões de beleza são normalmente ligados também à questões de gênero e aos papéis que mulheres e homens desempenham na sociedade a que pertencem. Tais papéis são igualmente relacionados às suas classes sociais. É dessa forma que se estabelece ordem e controle sobre o corpo, sendo o fator estético ou o seu tamanho um determinante para cumprir seus deveres para com o todo social.

O corpo é uma fonte extraordinária para se entender as diversas conexões e representações existentes entre os indivíduos e a sociedade, podendo desempenhar diversas funções que variam de acordo com a cultura e os mais diversos grupos sociais. Desse modo, o corpo pode ser moldado, feito ou construído de acordo com o local no qual o sujeito está inserido. Conforme destacou Luc Boltanski, o corpo é:

como um objeto cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes, pela sua cor (descorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto), pela amplitude, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso) é um status — talvez o mais íntimo e daí o mais importante — cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita.” (BOLTANSKI, 1984, p. 183)

O modo como o corpo é entendido reflete uma realidade coletiva. Ou seja, o corpo tem um sentido dentro de uma realidade social, onde são construídos e atribuídos a ele sentidos, representações e significados dentro de uma simbologia que está inserida em uma cultura. Para entender como o corpo gordo está inserido na sociedade é necessário compreender a construção dos padrões de beleza que são tidos como algo que aconteceu naturalmente e não a partir de processos históricos.

Por séculos, o padrão de beleza feminino foi visto como objeto de desejo e cobiça. Porém, por outro lado, esses padrões e mostraram efetivos em regular e controlar o corpo e o comportamento das mulheres e as relações dela na sociedade. No geral, tais padrões são estabelecidos por homens e giram em torno de instituições masculinas visando o controle do feminino e suas potencialidades. Naomi Wolf destaca que:

As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência. A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. A juventude e (até recentemente) a virgindade são “belas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres, com o passar do tempo, adquirem poder e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, nossa identidade deve ter como base nossa “beleza”, de tal forma que permanecemos vulneráveis a aprovação externa, trazendo nossa autoestima, esse órgão sensível e vital, exposto a todos. (WOLF, 2018 p.33)

Ao longo da história, a construção dos padrões de beleza e dos tipos de corpo ideal serviu para moldar e controlar o comportamento dos homens e mais ainda o das mulheres. O propósito, de acordo com Wolf (2018), seria, em boa medida, limitar o feminino e de colocar a mulher no lugar que ela deveria ocupar segundo uma ordem patriarcal. Em outras palavras, a beleza e o corpo das mulheres serviriam unicamente aos interesses masculinos.

Em cada época da História é possível identificar como são construídos e estabelecidos os padrões de beleza, a valorização por um ou outro tipo físico, de corpos roliços e cheios de carne à corpos finos e esbeltos, de quadris largos e seios fartos a curvas delicadas. Esses padrões vão sendo ajustados de forma a suprir as expectativas do papel que cada um ocupa no grupo social ao qual se pertence. Dessa forma, contribuem para padronizar não somente os corpos, mas também os comportamentos que são impostos.

### **3. A história da beleza e do corpo**

O gordo no mundo europeu medieval tinha certo prestígio, pois estava ligado a um meio em que a fome, a escassez de recursos, o esgotamento dos solos e as crises de armazenamento eram uma constante. Assim, o gordo se fazia um símbolo de fartura. A ideia de saúde pressupunha uma barriga cheia, muitos dos cuidados médicos se resumiam a uma alimentação farta e exagerada. As mulheres belas eram aquelas mais gordas, opulentas e cheias. Segundo aponta Vigarello (2012), alguns relatos e romances trazem uma certa preocupação com a forma e os contornos do corpo ao usar termos como cheias ao invés de gordas o que mostra uma preocupação em não ultrapassar os limites da gordura aceitável.

Na idade média, a ambiguidade sobre o gordo e a virtude da gordura se tornou evidente, no entanto, por conta de um conflito de imagem. De um lado, as formas volumosas do corpo, com carnes fartas e quadris avantajados simbolizam abundância e saúde e, por outro lado, o corpo estava atrelado a um universo de moralidade e foi tratado como algo divino. Assim sendo, o corpo e o belo estavam diretamente ligados ao mundo espiritual, e deveria refletir a pureza e a castidade. Corpo e alma não eram vistas como entidades dissociadas, assim era necessário estar atento aos excessos da gula. Nesse sentido, o controle alimentar tinha mais o sentido de uma prescrição de comportamento moral do que estético. Assim, aponta Vigarello (2012), quando um corpo ultrapassava as dimensões aceitáveis, passava a ser sinônimo de um fracasso moral.

Nos anos centrais do medievo, começa uma mudança em que as críticas ao gordo passam a ir até das questões morais. O comer em excesso passa a

ser relacionado a um comportamento vicioso, ao pecado capital da gula e, conseqüentemente, ao pecado da preguiça.

Para os homens, comer bastante era diretamente ligado ao vigor e à força física. Assim, um homem dessa época não poderia ser gordo a ponto de não conseguir cumprir seu deveres e nem magro demais para não aparentar fraqueza, lerdeza ou a ponto de dificultar sua mobilidade. Para as mulheres, ser cheia ou opulenta significava fartura e fertilidade, mas a palavra gorda poderia sugerir carnes flácidas e pouca energia vital. Fica, desse modo, evidente a ambigüidade do período, Vigarello (2012) diz que, o gordo tem prestígio, mas o muito gordo é condenado.

O período renascentista trouxe uma grande mudança nos padrões estéticos, resgatando os padrões de beleza da antigüidade. Os ideais greco-romanos do que era o belo se estabeleceram principalmente nas pinturas e esculturas. Estas se tornaram mais sedutoras e com corpos a mostra, ao invés de valorizar as superfícies como a pele do rosto e do colo, passa-se a observar os volumes e tamanhos do corpo.

Dessa forma, a ascensão das imagens no século XV fez surgir uma notória preocupação com as formas corporais, com os contornos das silhuetas. As imagens surgem com um realismo que não era visto até então, os desenhos se mostram mais realistas as formas e as suas desordens. Apesar de surgir essa preocupação, o prestígio do gordo não desaparece totalmente e a valorização da acumulação ainda se faz presente, como demonstra Georges Vigarello:

Mas permanece a ambigüidade, por muito tempo ainda, sobre a fronteira entre o 'gordo' e o inaceitável. Onde começa o 'excesso'? Essa ambigüidade é mais marcante ainda no homem no qual a estatura 'imponente', de uma autoridade maciça, pode ser carregada de convicção." (VIGARELLO, 2012, p. 60)

Com a renascença a crítica ao gordo muda e passa a ser direcionada ao corpo e inadaptação que a gordura causa. Conseqüentemente, a gordura passa a significar lentidão, preguiça e incapacidade. O gordo começa a ser considerada incapaz numa sociedade onde aos poucos a mobilidade e as atividades passam a ter outro significado e valor. Assim, o corpo gordo cada vez mais é retratado como desengonçado e incapaz

É necessário dizer que, apesar dessa crescente preocupação com a forma do corpo, o excesso da gordura continua sendo o principal fator de crítica

e que não há nenhuma preocupação com a diminuição dele, os cuidados com a estética se limitam ao rosto e a pele, o uso de cintas e corpetes são incorporados como maneira de conter as formas físicas exageradas. Sendo assim, as preocupações ainda são com a moralidade do corpo.

Com a mudança do cenário cultural mudando durante o século XVI, as percepções do corpo e da beleza mudam na medida em que a sociedade vai adquirindo novos costumes. As cidades cresceram muito durante o renascimento e se tornaram um refúgio para aqueles que são condenados à fome e a miséria. A preguiça e a inutilidade passam a ser vistas como uma grande degradação humana, a presença de mendigos se torna algo presente nos centros urbanos e encontram-se pelas ruas e praças das cidades.

Nesse período o alvo principal a preguiça e a improdutividade são vistas como um mal a ser combatido e nesse ambiente a gordura passa a ser vista como um atraso moral, e a associação da preguiça ao gordo, se torna crescente pois, a importância da atividade e uma ocupação aumenta a ideia de que o gordo é improdutivo, desajeitado e lento. É uma época de grande desigualdade social, onde se tem a crítica a preguiça fortemente presente na sociedade e que se tem uma nobreza que não trabalha, portanto, um paradoxo fica muito evidente, como aponta Vigarello:

Paradoxo, claro, numa época de intensa segregação social e desprezo da nobreza pelo trabalho manual, mas é exatamente a 'inatividade', o ócio e a moleza que se estigmatiza, mais do que o 'trabalho'. É esse conjunto de referências condenando a 'lerdeza' que alimenta, por exemplo, a ironia de Jacques-Auguste de Thou, ridicularizando os cortesãos obrigados a recorrer à carruagem, em meados do século XVI, porque a excessiva 'corpulência os impede de montar a cavalo'. É a crítica do próprio nobre às 'almas voluptuosas e lerdas que não sabem do que se ocupar', como diz Faret no início do século XVII em sua *Arte de agradar na corte*: a necessidade de aparentar ocupação, de se mostrar atarefado. (VIGARELLO, 2012, p. 69)

Com o surgimento da sociedade de corte dos séculos XVI e XVII, impuseram-se novas normas de boas maneiras e etiquetas adequadas para o convívio social dos nobres. Logo, o cultivo de uma nova compreensão do que seria uma "boa aparência" se tornou importante e corpos esguios passam a serem vistos como sinônimos de leveza e agilidade. A corpulência deixa de ser vista como sinônimo de força uma vez que a figura do cortesão se impõe a do cavaleiro. Os exercícios evidenciavam isto, já que agora não eram mais

direcionados unicamente ao treinamento militar. Em lugar disso passam a promover adequação, compostura e agilidade.

O desprezo pelo gordo tende a aumentar em grande parte pelo surgimento de uma nova cultura que claramente rejeita as formas volumosas do corpo. Isso se dá de tal forma que começa a se usar de um novo tipo de linguagem para se referir as pessoas gordas. Tais expressões surgem como ofensa e passam a tratar as pessoas gordas de forma pejorativa, ultrapassando a questão da lentidão e da agilidade e indo em direção à estigmatização. As pessoas gordas passam a ser ridicularizadas e vistas de maneira torpe e zombeteira. As representações que se criam dos gordos é a de que seriam pessoas atrapalhadas, inúteis e como mostra Vigarello (2012), carregavam consigo uma imbecilidade atávica.

A gordura ainda é uma matéria pouco explorada pelos médicos dos séculos XVI e XVII. Embora tenham aumentado o conhecimento sobre o tema houve pouco avanço nos tratamentos direcionados ao gordo. Nesse período, pouco se sabe sobre a relação da gordura com outros sintomas. A maior preocupação são com os excessos, o inchaço, a barriga mole e que emite sons, são os indivíduos que vomitam ou que tem excremento saindo pelo nariz, com a pessoa gulosa. Na pessoa demasiado gorda preocupa principalmente incapacidade de ser ágil. Embora se tenha aumentado o conhecimento do corpo gordo, ainda se faz a maior relação da gordura com a abundância. Vigarello (2012) mostra que, nesse sentido, o preocupante são, antes de tudo, os excessos e a gordura exagerada, da mesma forma que preocupa a magreza excessiva, tida como sinônimo de doença.

É neste período que surgem as primeiras dietas. Os regimes alimentares passam a serem citados com mais frequência e, de modo geral, limitam o consumo de gorduras. O uso de vinagre, limão e até calcário se tornam prescrições comuns, este último aparece principalmente como adstringente para a pele gordurosa.

Também passam a ser comuns o uso de cintas, corpetes e outros com o objetivo modelar o corpo, moldar as formas e conter os volumes. Apertar se torna fundamental para fazer com que o corpo tenha a forma desejada e adequada para os padrões sociais e de classe. As mulheres se tornam rapidamente o principal alvo. A invenção do espartilho, por exemplo, tem como função



fundamental conter as mamas e afinar a cintura, o que confirma o caráter de uma prática de emagrecimento. Estas peças eram produzidas e pensadas para este fim, de tal forma que são elaboradas com mecanismos para não deixar a gordura escapar e para segurar fortemente o abdome.

A invenção do espartilho não é, efetivamente, senão o prolongamento de tais iniciativas. O molde transformado em estojo, processo reservado às mulheres, confirma a expectativa específica de emagrecimento. A Rainha Margarida de Navarra, que se tornara horrivelmente gorda, mostra o que se passa no fim do século XVI, ao recorrer a chapas de lata para conter as carnes: mandava colocar folhas de flandres dos dois lados do corpo. A prática é disseminada nas últimas décadas do século XVI, banalizada pelas mulheres de posição, todas buscando uma cintura fina. O apetrecho mais habitual utiliza lâminas ou barbas de baleia perpassadas na trama do tecido, placas rijas espetadas em seu interior. Daí a expressão corpinho espetado, objeto compressor mencionado por Lippomano, embaixador, veneziano que atravessa a França em 1577 e revela a difusão dessa peça: “Elas usam um espartilho ou camisola que chamam de corpinho espetado para tornar a silhueta mais leve e esbelta. É fechado com grampos por trás, o que torna ainda mais bela a forma do seio”. É o triunfo do instrumental, do mecânico. (VIGARELLO, 2012, p. 137)

Com o decorrer da época moderna, uma lenta tomada de consciência sobre a gordura suas diversas formas corporais ganha espaço, porém não há ainda uma necessidade de emagrecimento. É com o advento do pensamento iluminista, em meados do século XVIII, que a sociedade passa a estar mais atenta ao indivíduo e assim também acontece com o gordo. A valorização das medidas mais finas passa a ser algo presente; surgem, então, os primeiros esforços para medir o corpo. Com isso, a percepção do peso muda e se passa a relacionar o peso com altura do indivíduo. Contudo, isso ainda não é alvo de quantificação estatística, como diz Vigarello (2012) permanece ainda, apenas, no campo da observação.

No último século da época moderna, a cultura europeia que então se espalhava para o mundo, promoveu uma maior estigmatização dos corpos volumosos, com um grau maior de gordura. É nesse momento que, enfim, o corpo gordo passa a ser visto também como um corpo próximo da enfermidade. Ocorre aí uma crescente valorização da tonicidade e do vigor físico, enquanto o corpo fino e delicado se torna símbolo de beleza e admiração. Acredita-se que a gordura é consequência das fibras moles causadas pelos excessos da alimentação; e são estas fibras que contribuem para o aparecimento dos inchaços e da barriga mole. Como aponta Vigarello (2012), esta última passa a

ser considerada como uma fragilidade do corpo. Logo, o indivíduo gordo vai sendo associado à fraqueza e da doença.

A crítica ao gordo evolui a partir dessas novas percepções. O gordo antes visto como estúpido, inculto ou incapaz passa a ser tratado como inútil e improdutivo. Quase um parasita social por estar associado aos privilégios da nobreza, pois aqueles que engordavam demais, o faziam às custas do sustento de outros, menos abastados, que assim eram condenados a fome e a miséria, como mostra Vigarello (2012) .

Com a ascensão da classe burguesa no século XIX, os homens financistas e negociantes conseguiram resgatar o prestígio da barriga, embora ainda se mantenha a crítica, repleta de ironia e zombaria, em relação à figura do burguês barrigudo. O mesmo não acontece para as mulheres. Delas ainda se exige (cada vez mais) um corpo magro e esbelto. Há uma preocupação recorrente em manter uma “boa forma” (magra) do corpo e as dietas são amplamente incentivadas. Da mesma maneira, o uso de muitas peças de roupas contensoras auxiliavam a alcançar a forma desejada. Essa era uma preocupação muito presente entre as mulheres, como mostra Vigarello:

Há sobretudo uma intensificação do emagrecimento na segunda metade do século XIX. Pressão mais forte, mais frequente, exercida em primeiro lugar sobre o corpo feminino, revelada pelos periódicos de moda, cujo tom muda de registro, senão de gravidade, jogando com expressões de alarme ou temor: ‘Engordar? Esse é o medo de toda mulher’. E as palavras das modistas, associando mais que nunca a juventude e magreza, jurando sistematicamente que seus vestidos, boleros e costumes podem ‘emagrecer e rejuvenescer’ as mulheres. Lisa é enfaixada ‘em corpetes até sufocar’ porque ‘deve ser pavorosa em *déshabillé*’. A suspeita do que há por baixo das cintas é, portanto, mais declarada. (VIGARELLO, 2012, pag. 250)

Em resumo, as exigências de se manter um corpo magro aumentaram e, para isso, contribuiu também a diversificação das atividades de lazer como banhos de mar e temporadas na praia. Nesses contextos, ocorre uma maior exposição do corpo, para o que se faz necessário, nessa nova dinâmica cultural, pensar em emagrecimento, já que o corpo gordo passa a ser rejeitado, zombado e visto como algo a ser evitado.

Outra mudança será a de uma maior observação do corpo nu, não apenas na arte, mas também na intimidade. Afinal, devido ao desenvolvimento industrial se torna mais fácil e barato a produção e o transporte de espelhos. Isso faz com

que se torne mais comum a auto-observação e as formas do corpo, bem como as mudanças que ocorrem com ele, possam ser melhor observadas. Assim, além de balanças e fitas métricas, o olhar passa a ser um recurso para o controle do peso.

Ai longo do século XIX, a crescente instrumentação médica faz dar maior valorização numérica, ou seja, a gordura passa a ser quantificada, não somente pelo peso, mas também pelas medidas, a circunferência, os volumes e os contornos do corpo. A escala do peso em relação à altura se torna fundamental para classificar a gordura corporal, tabelas e quadros são montados levando em consideração esse cálculo. Isso se deve ao aumento das publicações e estatísticas que acompanham o crescimento industrial, tudo passa a ser registrado e quantificado. Logo, a atenção é voltada para os corpos mais gordos, aqueles que possuem uma condição exagerada, somente estes são alvos de estudo e pesquisa. É neste cenário que surge o primeiro ensaio para o que depois vai se tornar o IMC (índice de massa corporal), índice que até os dias atuais serve para classificar e diagnosticar a obesidade. O desenvolvimento do IMC é um longo processo, como mostra Jeann Poulain:

Antes de atingir o prestigioso estatuto de instrumento internacional de avaliação da obesidade, o IMC fez um longo percurso. Em 1832, o estatístico e sociólogo belga Adolphe Quetelet apresentou à Academia Real da Bélgica um trabalho intitulado *Le poids de l'homme aux différents âges* ("O peso do homem em diversas idades"). Surgia assim pela primeira vez um conhecimento sistemático da distribuição do peso entre os seres humanos. Mais precisamente: trata-se do peso pesquisado nos habitantes de Bruxelas, desde os recém-nascidos do ambulatório da maternidade de Sait-Pierre até os velhos do "vasto e magnífico asilo que fora recentemente construído em Bruxelas". (POULAIN, 2013 p.178)

Tudo muda com essa vigilância do peso e das medidas, a preocupação estética passar a ser predominante fazendo com que o medo da gordura e da feiura sejam muito comuns, e o corpo gordo é antes de qualquer coisa feio, e indesejável, ele é tratado como sátira em periódicos da época. Então na segunda metade do século XIX, com a mudança em diversas áreas como as novas formas de lazer e do modo de vestir, acontece uma grande reviravolta no modo de julgar e encarar as formas corporais.

#### **4. A compulsão pela magreza no último século**

A exigência de silhuetas mais finas aumentou com o início do século XX, sobretudo para as mulheres. Solidificaram-se os costumes que acentuavam as diferenças dos padrões de beleza feminina e masculina. O corpo feminino, além de magro, deveria também ostentar uma radical diminuição das medidas das mamas e dos quadris. A tonicidade do corpo e a forma atlética tornaram-se cada vez mais valorizadas; os traços finos e delicados são normalizados enquanto mesmo o que antes era uma gordura aceitável passa a ser rejeitado.

A consciência social da gordura muda drasticamente. A medicalização e os tratamentos para os corpos gordos se ampliam com a maior circulação de periódicos e materiais publicitários. As mudanças no século XX acontecem muito rapidamente, processos que antes demoravam metade de um século ou mais agora passam a ser são alterados ou intensificados de forma acelerada. Os modos e costumes sociais se alteram e assim o padrão de beleza se ajusta aos novos padrões sociais.

Por outro lado, é uma época de conquistas femininas marcantes. A luta pela emancipação e os novos papéis ocupados pelas mulheres fazem com que tais padrões passem também a serem pensados de outras maneiras. Porém, os padrões que visavam controlar o comportamento feminino permanecem.

Os graus da gordura corporal também sofrem uma mudança radical no início do século XX, sobretudo na década de 1920. As fases que o corpo gordo poderia atingir passam a serem tratadas detalhes que visam chocar o público. Algumas vezes, o corpo gordo chega a alcançar o status de monstruosidade, enquanto o realismo das fotografias (invenção de fins do século XIX) que retratam de forma trágica as formas tidas como anômalas e desproporcionais. Quadris e seios extremamente grandes, cinturas improváveis, umbigos protuberantes ou “carnes” que se arrastam no chão; anatomias extremas retratadas de forma monstruosa e grotesca, símbolos de anormalidade. Isso faz com que a gordura passe a ser temida e evitada. De certa forma, o pânico a gordura se instaura e tudo que é feio e ruim passa a ser associado a ela.

É a partir dos anos 1920 que a ruptura com o antigo se acelera e a preocupação com o corpo e a aparência ganham um valor muito importante, principalmente para as mulheres. A gordura corporal agora é alvo de tratamento e intervenção. Várias doenças passam a serem atribuídas ao excesso de peso, porém ainda não se tem uma definição médica para isso, ainda não se

desenvolveu completamente o conceito de obesidade. De acordo com Denise Sant'Anna:

A obesidade ainda não era um foco de problematizações, como ocorrerá mais tarde. Ela era mencionada entre as moléstias anunciadas na propaganda impressa, mas suas especificidades não possuíam grande destaque. Obesidade também não era um termo de uso corrente. O mais comum era falar em corpulência, ou então em pessoas muito gordas, conhecedoras dos excessos da gula e cuja prova maior era uma barriga avantajada, que impedia o fechamento dos cintos. E nem sempre elas eram incitadas a emagrecer. (SANT'ANNA, 2016 p.23)

Sem sombra de dúvida, a década de 1920 foi essencial na mudança sobre como os corpos passam a serem vistos. O olhar mais agudo vem a perceber até os menores detalhes do corpo. A celulite é descoberta, o corpo mais do que nunca é minuciosamente examinado, começa-se a falar nas primeiras intervenções cirúrgicas, cosméticos e produtos de beleza se multiplicam. Esse contexto leva, de forma geral, a dois caminhos: a exigência de se ter um corpo magro e a marginalização do corpo gordo. Para Vigarello:

O aguçamento da visão que ao longo dos séculos levou a encarar a gordura com mais acuidade, medindo seus níveis e detalhando sua diversidade, não entra em jogo aqui de imediato. Domina inteiramente agora a constatação de uma imediata invasão adiposa, de sua extensão demográfica e de sua rejeição generalizada. A diferença é essencial e é a única coisa que permite compreender a novidade dessa "epidemia". Mais amplamente, ela acompanha a inquietação com os fatores de risco em nossas sociedades e o aumento da vigilância coletiva que eles provocam. (VIGARELLO, 2012 p. 325)

A exigência de manter a magreza se eleva de tal forma que agora se generaliza e se espalha para todas as áreas. Começa a ser criado todo um mercado voltado para o emagrecimento. O crescimento da publicidade, a grande circulação de revistas femininas e o surgimento das mídias de rádio e, mais tarde, de TV fazem com que cada dia mais as mulheres sejam bombardeadas com propagandas cheias de imagens do corpo perfeito. Essas imagens reforçam o padrão. Elas dizem como deve ser o formato do corpo, como deve ser a pele, como se deve ser a roupa, a maquiagem e o cabelo.

E, para além do aspecto físico o padrão de beleza se torna algo comportamental, incentiva o consumo e a preocupação constante com a aparência. A pressão estética se torna tão forte que aos poucos a vida feminina se resume a ser bonita e a buscar a beleza ideal e perfeita. Esse comportamento faz com que a beleza seja associada ao sucesso, à satisfação e à felicidade.

Os conselhos de beleza destinados aos “brotos” realçavam a necessidade de manter-se delicada e graciosa, ao passo que muitos contos e fotonovelas ainda chamavam as moças de “pequenas”. Assim uma pequena era um “brotinho” cujo encanto estava nas linhas de seu delicado corpo, na cútis acetinada, na voz aveludada, nos pés mimosos. Mas havia rigores a aceitar e vigiar: era preciso saber andar, se sentar, dançar, descer as escadas, sair de um automóvel e ainda conversar, usar os talheres e sorrir. (SANT’ANNA, 2021, p.92)

A busca desenfreada pela beleza limita o desenvolvimento das habilidades femininas. Manter-se bela, o corpo magro, estar sempre linda, arrumada, penteada e maquiada faz com que a mulher atue menos no mercado de trabalho. Isso porque além de ter a jornada fora de casa e o serviço doméstico (que ainda recai em sua maioria sobre os ombros femininos, assim como toda a esfera do cuidado com crianças e idosos); ainda é obrigatória uma terceira jornada dedicada aos cuidados com a aparência como aponta Wolf (2018).

Logo, os padrões de beleza determinam não somente a busca de uma determinada aparência socialmente aceita, mas também o comportamento das mulheres. Estas, como mostra Wolf (2018), ao dispensarem tanto tempo e recursos para atingir uma imagem perfeita de si para os outros, perderiam espaço para se dedicar e desenvolver habilidades que ampliassem a atuação feminina em lugares majoritariamente ocupados por homens.

O século XX foi um período de imenso desenvolvimento da ciência e da medicina nas áreas voltadas a beleza. E, com isso, ganharam grande visibilidade. O corpo feminino, território de desejos e controles, mesmo após todas as conquistas sociais daquele século ainda não é domínio daquelas que são, de fato, suas possuidoras.

Interessante observar o quanto o assunto “beleza” passou a despertar maior interesse científico desde então, mas ainda era difícil admitir que o corpo da mulher pertencia em primeiro lugar a ela. A livre possibilidade de embelezá-lo, segundo os desejos pessoais, provoca reprovações contundentes. Para manter o corpo feminino sob controle masculino (em particular, de pais, maridos, médicos, e não de comerciantes, curandeiros ou senhores considerados “malandros e fanfarrões”), costumava-se associar uma parte do embelezamento diretamente ao pecado. Num romance de Menotti Del Picchia, intitulado A mulher que pecou, o quarto de uma prostituta expressava luxo e luxúria, graças às cortinas, aos tapetes e, sobretudo, aos espelhos e perfumes; os frascos de cristal e uma pera de borracha envolvida numa fina rede de seda deixavam adivinha a vaidade relacionada à vida viciosa. (SANT’ANNA, 2021 p. 55)

As sociedades moldadas pelos padrões europeus de corpo desenvolveram mecanismos para difundir tal modelo, este, atualmente,

aproxima-se de uma hegemonia mundial. Por outro lado, estas mesmas sociedades, comandadas pelo capital, tornaram-se estimuladoras e reféns de um mercado da beleza, o qual exerce imenso poder, sobretudo econômico, no conjunto das sociedades.

A indústria dedicada ao corpo e ao controle de suas formas cresceu muito, em especial na segunda metade do século XX, produzindo e desenvolvendo fórmulas que prometem rejuvenescimento, pele firme e aveludada, cosméticos que acabam com celulite e estrias e ainda diminuem as medidas. A medicina desenvolveu novas técnicas para cirurgias plásticas, as quais são capazes de arrumar qualquer que seja a imperfeição do corpo. Essas práticas possuem uma característica em comum, o medo da gordura. O padrão de beleza, imposto principalmente às mulheres, faz da aversão ao corpo gordo uma presença cotidiana. Todos os esforços dedicados a beleza são no sentido de se manter magra acima de tudo. Pode-se dizer que a magreza é um requisito essencial para que um corpo seja considerado belo.

Contudo, para além da ideia hegemônica de beleza, o estereótipo construído em relação a pessoas gordas acaba se consolidando como algo natural. Para que isso acontecesse, as restrições aos corpos gordos foram além da questão estética, firmando-se como uma questão de saúde pública, e fazendo da obesidade uma doença.

O problema, no entanto, não está em desconsiderar as pesquisas sobre os males do sobre peso. A questão é que, apesar de todo o desenvolvimento científico, a obesidade ainda é tratada com base nos estigmas criados nos últimos séculos da história ocidental e da imperialização desta para o resto do mundo como modelo cultural e como um determinante social para discriminação das pessoas gordas. Poulain ressalta que:

A obesidade é um problema social, pois atinge as populações de maneira socialmente diferenciada. Os índices de prevalência, isto é, a proporção dos indivíduos de uma população que são atingidos por ela, não têm a mesma intensidade nos diferentes extratos da sociedade. Isso faz com que a obesidade se torne um fator novo de desigualdade social no quadro da saúde. Ela é também um problema social, pois um grande número de pessoas envolvidas sofre por causa do olhar e das condenações sociais das quais são vítimas. Essas pessoas não suportam somente as consequências físicas deste estado, mas também as consequências sociais; são desconsideradas e, por vezes, discriminadas. Elas sentem-se mal-amadas, e, pior ainda, incapazes de ser amadas. (POULAIN, 2013, p.35)

Dessa forma, fica evidente que tratar o corpo gordo como doente é mais problemático do que a própria gordura. Isso porque o estigma que os corpos gordos carregam consigo é mais determinante para os papéis sociais que esta pessoa vai ocupar na sociedade. A estigmatização de corpos gordos não é apenas um olhar crítico, ou simplesmente classificá-lo como belo ou feio, ela é sobretudo um conjunto de características e ações que desmerecem um indivíduo com sobrepeso. As consequências são piores quando consideramos que essas ações afetam também a saúde mental de quem possui um corpo fora do padrão. Doenças como depressão e transtornos de ansiedade, bem como distúrbios alimentares e distorções de imagem são comuns e não estão nas manchetes. O fato é que todo esse processo nega o acesso de pessoas gordas a oportunidades sociais e a possibilidade de ocupar locais onde estes estereótipos estejam consolidados. Por fim, a pessoa gorda acaba sendo vista somente a partir do estigma como mostra Poulain:

O indivíduo encontra-se reduzido à característica “desviante”, que se torna um estigma. As suas outras qualidades sociais tornam-se secundárias, de maneira que se pode afirmar que a estigmatização “funciona” como o racismo. Ela resulta do sistema de valorização cultural da corpulência e dos processos de definição das próprias normas sociais que designam como “desviantes” nos indivíduos que não se enquadram nelas. Ela se expressa por consequências objetivas (explicação de certas discriminações) e subjetivas (autodesvalorização do estigmatizado), que contribuem para o desenvolvimento da obesidade, encorajando o ostracismo que forma a base das perturbações do comportamento alimentar e afastam o indivíduo dos contextos sociais nos quais ele é estigmatizado (como os lugares de prática esportiva). (POULAIN, 2013 p.119)

A sistematização dos padrões de beleza sobre o corpo estabeleceu uma relação em que o indivíduo que esteja fora do padrão passe a ser tratado como um ser anormal, pois tem um corpo que precisa ser ajustado. Isso força a ciência e a medicina a solucionar o problema da obesidade. Logo, o discurso de depreciação do corpo gordo passa a ser propagado por profissionais que promovem a saúde, validando o diagnóstico da pessoa gorda como doente e reforçando rótulos e estigmas destinados a estas pessoas e acabam afastando as pessoas gordas do convívio social.

Um fator que contribuiu para que esse estigma se consolidasse foi o crescente aumento do acesso aos diferentes meios de comunicação, bem como



a veiculação de comerciais, programas de tv, filmes de cinema, telenovelas e revistas. Estas mídias trazem um tipo de beleza padrão, ou seja, uma mulher branca, loira, de cabelo liso e, principalmente, que seja magra. Associando, assim, a vida da mulher com a busca da beleza e que somente sendo bela ela teria uma vida plena e feliz, como mostra Rachel Moreno:

A novela, a propaganda, os programas de variedade e as revistas femininas insistem nos mesmos valores e criam um ambiente favorável e compatível à venda dos produtos que os sustentam. Assim os programas de culinária escolhem receitas com os produtos da marca anunciante ou cuja conta gostariam de atrair, as revistas femininas gastam páginas e mais páginas falando de beleza, dietas e moda para atrair e/ou justificara propaganda de cosméticos, de produtos para regimes, de médicos e serviços voltados à produção e manutenção da beleza. Na programação televisiva, os mesmos valores tradicionais se repetem em cenas que caracterizam estilos de vida e modelos de felicidade que o sistema quer ver reproduzidos. (MORENO, 2008, p. 44)

Os sistemas midiáticos utilizam a beleza e a perfeição para impulsionar o consumo de cosméticos e de produtos voltados para a adequar os corpos. São padrões que desconsideram a diversidade humana. Isso porque em sua base estão elementos eurocêntricos e racistas, que desconsideram fatores étnicos e culturais. A representação das mulheres e do que é considerado belo e feminino, reforça a ideia de que é necessário se encaixar no padrão para que se tenha aceitação social. Essa busca incessante pela beleza perfeita, do corpo esbelto, que a sociedade cobra das mulheres, percebe-se que as relações de gênero continuam reproduzindo a submissão e o controle do corpo feminino.

A principal estratégia das mídias é associar o corpo gordo com um corpo doente, dessa forma o discurso das mídias alimenta uma falsa ideia de que o emagrecimento é na verdade para ter uma vida saudável. Isso é promovido, principalmente, nas áreas que promovem e vendem produtos e alimentos para dietas, velando de certa forma a questão estética. A publicidade é fundamental para que esse discurso se estabeleça com sucesso. Campanhas publicitárias são cada vez mais elaboradas, possuem uma linguagem cheia de simbolismos que por fim acabam sempre exaltando o corpo magro e depreciando o gordo. Logo, controlar o peso está acima de qualquer outro cuidado com a beleza e todos os esforços são voltados para isso, Sant'Anna mostra que:

A propaganda para emagrecer tornou-se mais assídua na imprensa, assim como a insistência em controlar o peso. Foi quando as balanças da marca Filizola aparecem nas drogarias, e todos puderam conhecer e conferir o próprio peso, com uma frequência antes desconhecida. Foi

também quando surgiu Meterecal, produto cujos anúncios prometiam um emagrecimento sem risco. Beber chá e muita água virou fórmula de sucesso nas reportagens sobre o assunto. Vários conselhos de beleza incorporaram as tabelas de calorias. Suíte do laboratório Squibb, foi criado para substituir o açúcar, numa época de suspeita crescente em relação a esse produto. Símbolo de status, o adoçante logo apareceu com marcas diversas, afirmando a suposição de que, afinal, a dieta pode deixar de significar, unicamente, restrição e sofrimento. Podia-se emagrecer comendo doces. (SANT'ANNA, 2021, p.131)

Dessa forma, a construção e imposição dos padrões de beleza e a busca desenfreada de emagrecimento se consolidam através de vários aparatos sociais até a situação atual, na qual o culto ao corpo se tornou uma necessidade vital. Deles surgem uma série de problemas, como distúrbios alimentares, problemas com a autoestima, ansiedade e depressão. O fato é que aceitar a existência de um único modelo de beleza, ignora a percepção de que os conceitos estéticos são subjetivos, plurais e diversos. Ou seja, eles variam de pessoa para pessoa, e conforme a cultura, as etnias e o momento histórico.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vivemos em uma sociedade que cultua o corpo magro, que dedica tempo e esforços para manter a aparência física desejada. O desejo de alcançar o corpo perfeito, a pele macia, seguir as normas estéticas já estabelecidas e impostas demanda cuidado. O padrão de beleza dita o que é belo e quais características são fundamentais para se alcançar a forma estética ideal, porém essa construção não leva em consideração fatores culturais, étnicos e sociais. Ele determina que existe um único modelo de beleza possível e que ele deve ser seguido a qualquer custo. Direcionado para as mulheres, os padrões de beleza pregam antes de tudo a magreza e, para se alcançar este objetivo, a sociedade foi desenvolvendo mecanismos que auxiliam e incentivam o emagrecimento, e marginalizam o corpo gordo.

Como podemos ver, por várias vezes ao longo da história os padrões de beleza se modificaram e, no mundo ocidental, o corpo gordo passou de um símbolo de saúde e fartura para virar chacota. Durante o medievo, as formas volumosas do corpo eram vistas com bons olhos, pois depois de um período de

escassez de recursos pessoas gordas eram vistas como um símbolo de fartura e saúde. Esse comportamento seguiu pelo Renascimento, que passou a representar melhor a imagem corporal, uma vez que o desenvolvimento da iconografia havia melhorado consideravelmente. A beleza estava muito atrelada a religiosidade e ao papel que a mulher exercia na sociedade. A preocupação com o corpo era com as formas demasiado grande, formas anômalas e inchaços, somente os excessos eram alvo de tratamento.

Com o avanço da modernidade, a urbanização, o desenvolvimento da medicina, as novas regras e costumes sociais o corpo passou a ser entendido de outra maneira. As formas corporais se afinam, a preocupação em manter o peso se acentua e surgem as primeiras dietas, os espartilhos e corpetes surgem com uma tentativa de conter e modelar o corpo. As atividades de lazer fazem com que o corpo gordo seja visto como inadequado, estúpido e grosseiro e assim começa a ser ridicularizado.

Com o crescente desenvolvimento industrial pessoas gordas são consideradas incapazes, a medicina se desenvolve muito neste período os esforços são no sentido de classificar e quantificar a gordura. A indústria passa a investir na produção de produtos voltados para a beleza, cosméticos, balanças, até a produção de espelhos contribui para que um novo olhar seja dado ao corpo e cada vez mais a gordura é algo indesejado e feio.

Os padrões de beleza são voltados para as mulheres, mas, estão a serviço de interesses masculinos, pois permitem que assim o feminino esteja sob controle já que além de ditar um modelo estético para o corpo, estes padrões também determinam o comportamento feminino. Eles ocupam a vida das mulheres de tal forma que ao dedicar tanto tempo para o embelezamento as mulheres não teriam como desenvolver habilidades que lhes permitam ocupar espaços predominantemente masculinos. As mídias tiveram um papel muito importante para a consolidação e manutenção desse padrão de beleza, foi a partir das mídias que o discurso do que é considerado belo se concretizou.

Ao longo do tempo a construção desses padrões se deu de forma imposta, gerando uma grande estigmatização sobre o corpo gordo, que hoje é visto como doente e indesejável e, portanto, deve ser evitado. Esse estereótipo promoveu a discriminação de pessoas gordas negando a elas oportunidades e restringindo

a atuação delas na sociedade e gerando doenças como distúrbios alimentares, depressão e ansiedade.

Dessa forma, é essencial construirmos um discurso que promova um ideal de beleza que seja livre de estereótipos, que promova a saúde e bem-estar dos indivíduos, que valorize a pluralidade do belo e que diminua as desigualdades e estigmas causados por esse processo histórico.

#### 4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia; CAMPEBELL, Colin. **Cultura, Consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BOHM, Camila Camacho. **Um peso, uma medida: O padrão de beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras**. São Paulo: Uniban, 2004.

BOLTANSKI, Luc. **As Classes sociais e o corpo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CURRY, Augusto Jorge. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ETICOFF, Nancy. **A lei do mais belo: a ciência da beleza**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; Goellner, Silvana. **O corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres em Movimento: imagens femininas na Revista Educação Physica**. Educação e Realidade. Porto Alegre: 2000.

MARCELJA, Karen Grujicic. **De gordas a plus size: mudanças na representação das mulheres consideradas acima do peso**. São Paulo: Puc: 2018.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. São Paulo: Agora, 2008.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

PROST, Antoine. **Fronteiras e espaços do privado**. In A. Prost & G. Vincent (Orgs.), História da vida privada da 1ª guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

SANT'ANNA, Denise. **Gordos, magros e obesos: uma historia do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANT'ANNA, Denise. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2021.

SHILDER, Paul. **A imagem do corpo: As energias construtivas da psique**. 3.ed. São Paulo: Martins fontes, 2000.

VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana e SUDO, Nara. **Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia**. Fortaleza: Revista Mal estar e subjetividade, 2004.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contras mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018